

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES**

VICTOR AGUIAR FERREIRA

Sem Respostas

São Paulo
2025

VICTOR AGUIAR FERREIRA DE SÁ

Sem Respostas

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo como requisito para obtenção do título de bacharelado em Jornalismo.

Orientação: Prof. Dr. Luiz Fernando Santoro

São Paulo

2025

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Sá, Victor Aguiar Ferreira de
Sem Respostas / Victor Aguiar Ferreira de Sá;
orientador, Luiz Fernando Santoro. - São Paulo, 2025.
1 v.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Jornalismo e Editoração / Escola de
Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. Desaparecimentos. 2. Políticas públicas. I.
Fernando Santoro, Luiz. II. Título.

CDD 21.ed. - 070

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Nome: Victor Aguiar Ferreira de Sá

Título: Sem Respostas

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo como requisito para obtenção do título de bacharelado em Jornalismo.

Aprovado em: __/__/____

Banca examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

RESUMO

Mais de 78 mil pessoas desapareceram em 2024 no Brasil. O número, que contraria a lógica de uma sociedade constantemente vigiada, sob câmeras em grande parte dos espaços públicos e cujas ações deixam vastos rastros de dados, é especialmente expressivo no estado de São Paulo, onde 18.231 desses desaparecimentos ocorreram – a grande maioria, na capital e em sua região metropolitana. Cerca de 54 por dia. Este documentário aborda o tema e discute tanto as dificuldades práticas e institucionais encontradas pelos órgãos públicos na realização de buscas, a partir de entrevistas com autoridades que trabalham com a temática de desaparecimentos, quanto a dor de quem fica, por meio de entrevista com uma mãe cujo filho está desaparecido há mais de um ano.

Palavras-chave: Desaparecimento; Desaparecidos; São Paulo; Políticas públicas; Documentário.

ABSTRACT

More than 78,000 people disappeared in Brazil in 2024. This number, which contradicts the logic of a society under constant surveillance, with cameras in most public spaces and whose actions leaves vast data traces, is particularly significant in the state of São Paulo, where 18,231 of these disappearances occurred – the vast majority in the capital and its metropolitan area. Around 54 every day. This documentary addresses the issue and discusses both the practical and institutional difficulties faced by public agencies in conducting searches, through interviews with authorities working on the issue of disappearances, as well as the pain of those left behind, through an interview with a mother whose son has been missing for over a year.

Keywords: Disappearance; Missing persons; São Paulo; Public policies; Documentary.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	DESENVOLVIMENTO/MEMORIAL DESCRITIVO	10
2.1	Pré-produção	10
2.2	Entrevistas	11
2.3	Banco de imagens	14
2.4	Edição	15
2.5	O que ficou de fora	16
2.6	Erros e outras dificuldades	17
3	CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
4	REFERÊNCIAS	21

INTRODUÇÃO

Segundo dados do Ministério da Justiça e Segurança Pública do Brasil, 78.322 pessoas desapareceram no Brasil em 2024. Desse total, quase um quarto dos casos ocorreu somente no estado de São Paulo, onde 18.231 desaparecimentos foram registrados. Em média, 54 pessoas que, por diferentes motivos, se desconectaram ou foram desconectadas da vida que levavam até então – mas que não necessariamente morreram.

É verdade que a maioria dessas pessoas é localizada – foi o desfecho de 14.761 dos casos em São Paulo, no ano passado. Apesar disso, o número de pessoas que não foram localizadas – cerca de 3,5 mil, apenas em 2024 – ainda é consideravelmente alto, e aumenta ainda mais quando se somam os casos de pessoas desaparecidas há mais de um ano.

Como isso é possível? Em meio a discussões sobre vazamentos de dados, rastreio – frequentemente ilegal – de pessoas, a cultura de vigilância cada vez mais intensa representada pela presença de câmeras em praticamente todos os espaços externos, como é possível que tantas pessoas simplesmente sumam, todos os anos, e não consigam ser localizadas? Para onde essas pessoas vão?

Embora o documentário não explore – verbalmente ou visualmente – essa ideia, ele foi produzido a partir de uma noção conceitual de que o desaparecimento pode ser entendido como um buraco negro. Criado a partir de uma série de fatores inicialmente pequenos, mas que se acumulam – a demora para registrar um boletim de ocorrência, a falta de um protocolo adequado, um formulário incompleto para registro do desaparecimento, a falta de conexão entre sistemas, a ausência de orientação para as famílias, as burocracias em torno dos processos, as dificuldades operacionais dos órgãos –, o desaparecimento é concebido neste trabalho como uma síntese, o “produto final” de todos esses – e outros – fatores que giram em torno dele, o orbitam como a matéria no horizonte de eventos ao redor de um buraco negro.

Outro conceito que norteou a produção do documentário foi a percepção de como a temática de desaparecimentos gera pouca ou nenhuma comoção entre grande

parte da sociedade – salvo casos midiáticos, como os celebridades e outras figuras públicas. A cultura de indiferença na qual vivemos.

Pessoalmente, meu interesse pelo tema surgiu inicialmente das campanhas de localização promovidas pela Secretaria Municipal de Cidadania e Direitos Humanos (SMCDH) da Prefeitura de São Paulo em parceria com o Metrô. Exibidas em meio a notícias e publicidade, as campanhas trazem fotos de pessoas desaparecidas e informações básicas – nome, idade, onde desapareceu, quando foi visto(a) pela última vez.

Me intrigava pensar sobre quem são essas pessoas, quais são as suas histórias, em que circunstâncias desapareceram. Por onde devem estar, hoje. É muito provável que, sem saber, eu já tenha passado por alguma pessoa considerada desaparecida.

Em uma dessas reflexões, lembrei de uma ocasião em que peguei um ônibus de São Paulo para Belo Horizonte, no qual também viajou um homem visivelmente desorientado e, aparentemente, desacompanhado. Durante horas ele andou pelo ônibus, conversou consigo mesmo – às vezes inclusive em tom de ameaça. Em uma das paradas da viagem, muitos passageiros foram questionar o motorista do ônibus a respeito da presença do homem, reclamando que não conseguiam dormir com a presença dele e exigindo que algo fosse feito. O motorista, evidentemente sem o amparo de um protocolo que o auxiliasse a administrar situações do gênero, pouco fez – apenas pediu aos passageiros que aguardassem até o fim da viagem, afinal, a passagem dele também havia sido paga.

Ao longo de todo o trajeto e mesmo depois de desembarcar em Belo Horizonte, lembro que também nada fiz. Apenas me afastei da situação, fui para casa e pouco pensei nela depois de alguns dias.

Em retrospecto, me questiono por que não agi. Por que ninguém agiu. O que teria custado a qualquer um de nós informar a polícia ou algum outro órgão a respeito dos acontecimentos de mais de nove horas de viagem? Por que é tão fácil deixar alguém à deriva?

O documentário passou por outras iterações. Inicialmente, a ideia era entrevistar o máximo possível de familiares de pessoas desaparecidas, ideia abandonada pouco a pouco após eu me familiarizar com a dificuldade emocional vivenciada por quem sofre com um desaparecimento de conversar sobre o tema. Também tentei caminhar pela lógica inversa e falar com os próprios “desaparecidos”, indo às ruas e falando com quem vive nela para descobrir, por exemplo, se as famílias dessas pessoas sabem onde elas estão. No fim, acabei optando por trabalhar com apenas uma personagem, cujo caso – do filho, desaparecido desde setembro de 2023 – atua como fio condutor em meio a entrevistas com autoridades de órgãos públicos, sem o objetivo de apontar dedos para um potencial culpado pelo volume de desaparecimentos no estado e no país, mas trabalhando justamente a ideia de que desaparecer é uma síntese, o resultado de um longo processo, frequentemente sem um único responsável.

Em relação ao formato, quando ainda estava concebendo a ideia, também considerei executá-la como um livro-reportagem. No entanto, graças a uma parceria estabelecida com um amigo e ex-colega de trabalho que já havia produzido um documentário, tive a oportunidade de utilizar equipamentos de alta qualidade, o que possibilitou a produção do documentário.

DESENVOLVIMENTO/MEMORIAL DESCRITIVO

Pré-produção

Para mim, a fase mais difícil. Além do fato de eu ter passado um período razoável de tempo tentando trabalhar em outro tema de TCC – meu primeiro protótipo de trabalho era sobre os refugiados afegãos no Brasil, em formato de livro-reportagem –, mesmo depois de decidir pela mudança de tema senti dificuldades imensas de decidir o recorte mais adequado, como dar os primeiros passos e com quem falar, dada a baixa popularidade do tema.

No início dessa etapa, me reuni com meu orientador, o Prof. Dr. Luiz Fernando Santoro, para trocar ideias a respeito do que eu pretendia com meu projeto – até aquele momento, eu tinha pouco mais que o tema em mente.

Foi minha única reunião com o professor – eu praticamente não tinha disponibilidade para novos encontros em função de minha rotina profissional, na equipe de política da CNN durante o período de eleições –, mas alguns pontos de partida me foram dados por ele, e nortearam a produção do trabalho até o final.

Pontos como, por exemplo, o estilo: formas de fugir de uma estética sensacionalista, que somente mostrasse o sofrimento de uma família e não fornecesse qualquer tipo de valor informativo ou jornalístico. Santoro também me questionou a respeito de o que eu gostaria de atingir ao falar com órgãos públicos, e sobre o potencial risco de acabar com uma produção chapa branca, que somente faz mostrar o trabalho das instituições. Ele questionou, ainda, se eu pretendia buscar algo no sentido do *true crime* – nenhum dos casos era a minha intenção, e as considerações feitas por ele foram de extrema importância para que eu definisse com mais precisão a toada na qual o documentário seria produzido, de uma forma a costurar ambas as perspectivas sem acabar caindo em clichês.

Também conversei diversas vezes com o amigo que me auxiliou com os equipamentos e edição do documentário. Escrevi rascunhos no papel, registrei ideias, mas pouco caminhei em mais de um mês. Durante esse período, também tentei

assistir outras produções sobre o tema como forma de inspiração, mas o trabalho só começou a realmente caminhar a partir de minha primeira entrevista.

Entrevistas

Para a realização do documentário foram entrevistadas três autoridades do poder público que trabalham e vivem no dia a dia a temática de desaparecimentos, escolhidas a partir de pesquisas pessoais a respeito do tema. As gravações foram realizadas entre outubro e dezembro de 2024.

A primeira entrevistada foi a Dra. Eliana Vendramini, Promotora de Justiça desde 1997 e Coordenadora do Programa de Localização e Identificação de Desaparecidos (PLID) do Ministério Público do Estado de São Paulo (MPSP), programa que ela ajudou a inaugurar em São Paulo, em 2013. Sua especialização e tese de doutorado também tratam de pessoas desaparecidas, propondo uma análise crítica sobre a política criminal e a omissão do Estado. É uma das principais referências no tema em São Paulo.

A segunda autoridade consultada foi a delegada Bárbara Travassos, da 5ª Delegacia de Polícia de Investigações sobre Pessoas Desaparecidas, que trabalha na investigação e localização de desaparecidos desde 2023. Ela comanda uma equipe de 20 policiais que lidam com uma média de 30 casos por dia, sendo a principal responsável pelo tema dentro da Polícia Civil paulista.

No caso da Dra. Bárbara, cheguei a visitá-la no Palácio da Polícia Civil em uma ocasião antes da entrevista, sem levar quaisquer equipamentos de gravação, para conversarmos sobre o tema e tirar algumas dúvidas minhas, “preparando o terreno” para ter uma entrevista mais proveitosa com ela, dado que nossa comunicação por mensagens era bastante fragmentada. No dia, também conversei por algum tempo com a Dra. Ivalda Aleixo, delegada e diretora do Departamento Estadual de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP).

Embora a Dra. Ivalda tenha me contado muito a respeito dos trabalhos de campo da polícia e chegado inclusive a me convidar para acompanhar uma equipe em

uma das viaturas, entendi que não faria tanto sentido dentro do escopo do documentário, que – por escolha – não se debruçou tanto sobre o trabalho dos órgãos públicos em si.

A última representante de um órgão público com quem conversei foi Cecília Nascimento, do Núcleo de Cidadania e Direitos Humanos da Defensoria Pública do Estado de São Paulo e que lida com situações de familiares de desaparecidos há alguns anos.

Inicialmente, também tinha a pretensão de entrevistar Darko Hunter, investigador da Divisão de Desaparecidos da SMCDH amplamente reconhecido pelas três autoridades entrevistadas e referência na localização de desaparecidos. Infelizmente, em função da burocracia apresentada pela Prefeitura e de problemas pessoais e familiares com os quais Darko estava lidando durante o período de produção do documentário, não foi possível entrevistá-lo.

Também cheguei a conversar com três sociólogos que pesquisam temas relacionados ao desaparecimento, com o intuito de explorar sob outro ponto de vista alguns dos temas abordados no trabalho – especialmente o da cultura de indiferença – mas nenhum deles se sentiu confortável para dar entrevista dentro do recorte proposto por mim para o documentário – em geral, suas pesquisas e trabalhos se relacionam mais com desaparecimentos forçados e/ou ocorridos durante a Ditadura Militar.

Além das três autoridades entrevistadas, também gravei entrevista com Aparecida Inácio, mãe de José Thiago Honório, jovem de 23 anos que desapareceu no dia 5 de setembro de 2023 após pegar um ônibus.

Conheci Aparecida em uma das reuniões mensais realizadas pelo coletivo Mães da Sé, instituição sem fins lucrativos que ajuda famílias na busca por seus entes desaparecidos desde 1996 e que me foi apresentada pela Dra. Eliana durante nossa conversa. Além de Aparecida, também conversei com outras mães – irmãs, esposas – de pessoas desaparecidas.

Optei por entrevistá-la em função de algumas razões: a desenvoltura e abertura de Aparecida para falar; a relativa recência do caso – afinal, a pergunta que motivou a produção do documentário é justamente sobre como é possível alguém desaparecer *nos dias de hoje*, e muitas das pessoas cujas histórias me foram contadas nesse encontro estão desapareceram há dez, quinze, vinte ou até trinta anos, o que significa que as circunstâncias e tecnologias de então não eram as mesmas –; e, principalmente, a circunstância do desaparecimento de Thiago.

Ele desapareceu dentro de um ônibus. Em horário de pico, sob os olhares de dezenas de pessoas e de câmeras, Thiago desapareceu. Na Lapa, em uma região com uma miríade de estabelecimentos comerciais – também com câmeras –, Thiago parece ter simplesmente deixado de existir. Como é possível?

Encontrar Thiago não deveria ser difícil. Uma simples consulta aos registros da câmera do ônibus já indicaria onde ele desceu, o que facilitaria amplamente as investigações. Algo teoricamente simples, pronto para ser usado, mas impedido por uma série de papeladas e burocracias.

Na história de Aparecida, também me chamou atenção, por exemplo, o fato de ela ter esperado 48 horas para fazer o registro do boletim de ocorrência – um mito contado a ela por um policial militar em outra ocasião na qual Thiago chegou tarde em casa e preocupou sua mãe, que (corretamente) pediu ajuda, ainda que a situação tenha se mostrado inofensiva. A negligência do agente, no entanto, foi decisiva para a ação de Aparecida quando o desaparecimento de fato ocorreu.

Além dessas, a história de Aparecida e de Thiago é recheada de pequenas e grandes negligências que, de uma forma ou de outra, influenciaram no “resultado final” – o que ressoou fortemente com minha tese de que o desaparecimento é uma síntese dos fatores que orbitam o “horizonte de eventos” desse buraco negro.

Inicialmente, eu tinha a intenção de entrevistar o maior número possível de pessoas cujos entes queridos desapareceram. Cheguei a criar uma espécie de banco de dados em uma planilha, na qual registrava o nome do desaparecido, sua idade, a data e o local do desaparecimento e os contatos de pessoas próximas a ele(a).

Abandonei a ideia por duas razões principais: primeiramente, a identificação que vi entre o relato de Aparecida e a proposta do documentário. O outro grande motivo que me levou a reconsiderar foi a resistência com que me deparei na grande maioria das pessoas que abordei. Conforme percebi cada vez mais ao longo da pesquisa, o desaparecimento é uma espécie de tabu. Mesmo pessoas cujos entes já haviam sido localizados no momento do meu contato preferiram não conversar a respeito, de tão sensível e espinhoso que era o tema.

Nesse aspecto, observei um receio das pessoas de serem atreladas à ideia de desaparecimento, voluntário ou não, em função do olhar que isso causa em grande parte da sociedade, dados os estereótipos banalizantes frequentemente propagados – a ideia de que a pessoa desapareceu com o objetivo de ir usar drogas ou por conta de algum erro da família, por exemplo – coisas que nem sempre são verdade.

Banco de imagens

Conforme mencionado na introdução, tive o auxílio de meu amigo e ex-colega de trabalho Vital Neto, dono de todos os equipamentos utilizados nas gravações – com exceção de algumas imagens de cobertura gravadas por mim com a câmera do meu celular. Todas as decisões em caráter de direção, no entanto, foram feitas por mim.

Embora a maior parte do documentário utilize imagens gravadas de forma autoral, precisei utilizar algumas imagens de cobertura – em geral, imagens aéreas, gravadas com drones, equipamento com o qual eu não contava para a produção do documentário.

Tais imagens de cobertura foram baixadas do banco da Adobe e da plataforma Pexels – ambos gratuitos, dado o alto preço (em dólar) das assinaturas de bancos mais sofisticados, como a Envato Elements. Todo o material das duas plataformas é licenciado e pode ser usado com fins comerciais.

Trilha sonora do documentário, a música “Lethal Secrets”, uma faixa com notas graves que toca ao fundo de quase toda a extensão do vídeo, também foi retirada de um banco gratuito especializado em trilhas gratuitas, a plataforma Epidemic Sound.

Edição

A edição foi desafiadora, mais pelo aspecto de montagem e direção do que pelo aspecto técnico. Tive dificuldades para encontrar a ordem mais adequada para os trechos decupados, assim como para criar uma narrativa que fizesse sentido de acordo com a proposta do documentário.

Embora o documentário tenha terminado com “apenas” 24 minutos de duração, apenas as entrevistas gravadas somavam mais de quatro horas de material. Tomar decisões de o que manter e o que cortar não foi nada fácil.

O tempo disponível também foi uma questão, dado que durante a reta final de produção do TCC, meu horário de trabalho ia das 12h às 20h – além das cerca de duas horas gastas por mim na locomoção casa-trabalho e trabalho-casa –, o que me deixou com pouco tempo útil para fazer decisões importantes e, em alguns momentos, também significou que tive retrabalho em certas questões. Ao todo, o documentário teve quatro cortes – e ainda pretendo fazer mais algumas alterações nele, mesmo depois da apresentação do trabalho.

Apesar do aspecto técnico não ter recaído tanto sobre mim, também achei a pesquisa em bancos de imagens um tanto desafiadora. A construção da estética de um documentário já não é fácil quando se é responsável pela produção de todas as imagens, mas encontrar imagens que conversem com a estética que temos na cabeça é tão difícil quanto.

No que diz respeito à estética, algumas importantes decisões também foram tomadas durante a etapa de edição, como a taxa de proporção da tela. Ainda que uma proporção 4:3 pudesse trazer um ar maior de “confinamento” ou “pressão”, o que poderia fazer sentido dentro de uma temática que frequentemente remete à ideia de

desespero, acabei optando pelo quadro 16:9, que permitiu um melhor aproveitamento dos cenários montados nas entrevistas e conferiu um ar mais cinematográfico à obra.

Em relação ao tipo de documentário que escolhi produzir, acredito que a definição mais aproximada seria “reflexivo”. Além de não priorizar a exibição de dados, estatísticas ou do modo de trabalho das instituições, optei por dar um ritmo mais lento para a exibição das imagens e, principalmente, por não utilizar narração – decisão feita na reta final da edição, dado que já tinha inclusive escrito os roteiros dos *offs* –, no intuito de deixar com que o espectador processe as informações apresentadas da própria maneira. A inclusão de breves telas pretas em alguns pontos do documentário foi feita com o mesmo intuito.

As telas pretas, aliás, se relacionam com outra escolha estética feita ainda durante a pré-produção: a de priorizar tons escuros e a ideia de “noite”. As imagens de cobertura gravadas em um ônibus em movimento, por exemplo, foram deliberadamente feitas à noite. Também tentei refletir isso nas imagens de cobertura, embora tenha tido mais dificuldade nesse aspecto por conta das limitações dos bancos gratuitos. Nas entrevistas, não foi possível por questões logísticas.

O que ficou de fora

Conforme mencionado anteriormente, não consegui entrevistar o investigador Darko Hunter, da SMCDH. Também não encontrei um sociólogo em São Paulo cuja pesquisa se alinhasse com o recorte proposto em meu documentário (evitei entrevistas online prezando pela qualidade da imagem).

Em um potencial futuro corte, eu também tentaria a inclusão de um psicólogo, para explorar mais o aspecto do sofrimento das famílias a partir de outro ponto de vista.

Além disso, também deixei um grande volume de materiais das gravações realizadas fora do corte apresentado neste TCC – mesmo aqueles que achei

interessantes e gostaria de ter utilizado. Em geral, por não conversarem com o rumo que o documentário tomou.

Também não consegui executar todas as imagens de cobertura da forma que gostaria, e algumas delas ficaram de fora por não terem ficado na qualidade desejada.

Erros e outras dificuldades

Com o fim da produção do documentário, ficam algumas lições – especialmente de ordem técnica. A principal delas é a de que, em futuras produções, vou tentar priorizar ambientes escolhidos por mim para a realização das entrevistas. O fato de ter gravado as três em edifícios públicos significou que tive menos liberdade para montar cenários e, principalmente, muitas dificuldades com sons de fundo.

Na entrevista realizada com a Dra. Eliana, por exemplo, durante todo o tempo de gravação havia mais três pessoas na sala. Embora tenham aceitado não digitar em seus computadores ao longo da entrevista, o rangido de cadeiras, por exemplo, ainda foi ocasionalmente captado pelos microfones.

Já na entrevista com a Dra. Bárbara, tive problemas com os constantes sons de dentro e de fora do edifício. Buzinas de motos, carros, conversas de fundo dos funcionários da equipe dela, tosses dos funcionários, veículos barulhentos e, em geral, uma estética ruim da sala significaram que a gravação com ela foi a que teve o pior áudio.

Outra razão para optar por um local pré-definido em futuras produções é a dificuldade logística no transporte de equipamentos. Para levar câmera, tripés, luzes e outros itens para os edifícios, não pude me locomover apenas com transporte público. Foi necessário alugar um carro, o que implicou em custos adicionais.

Esses mesmos equipamentos demandam montagem, o que consumia uma média de 30 minutos em cada uma das entrevistas, o que também pode ser prejudicial tanto no aspecto da disponibilidade de tempo quanto no da paciência do entrevistado, por exemplo.

Também acredito que tenha sido um erro não utilizar uma segunda câmera, ainda que de qualidade levemente inferior para, por exemplo, esconder cortes no momento da edição.

Por fim, cometi diversos erros no cálculo de prazos e na programação de um cronograma para o avanço dos trabalhos, o que ficou especialmente evidente no momento da edição. Apesar de, como mencionei anteriormente, ter dado preferência a uma estética mais escura e noturna no documentário, não cheguei a ter tempo para, por exemplo, dar atenção ao balanço de cores das incluídas. Em cenas como a do banco de ônibus da introdução, por exemplo, senti que algumas cores ficaram excessivamente vibrantes, o que muda um pouco o sentido proposto da imagem. Isso aconteceu, basicamente, por falta de tempo e de programação da minha parte.

CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante boa parte do processo de produção, eu senti que o documentário iria ficar muito aquém do que eu gostaria. Tinha a noção, é claro, de que era praticamente impossível realizar e acertar tudo de primeira dentro das circunstâncias em que me encontrava, com os equipamentos aos quais tinha acesso e com a experiência quase nula que tinha com audiovisual até então.

Ao ver o último corte na televisão de minha casa, no entanto, percebi que consegui fazer algo que considero digno de aprovação da instituição que me formou e de mim mesmo. Tive dimensão da experiência que acumulei em todo esse processo, e que certamente me acompanhará em meus próximos passos como profissional no jornalismo.

Também tive um aprendizado imensurável a respeito da temática de desaparecimentos, além do privilégio de realizar entrevistas que genuinamente transformaram minha forma de enxergar esse fenômeno, e cujos materiais lamento não ser possível incluir de forma completa neste trabalho. Também conheci a dor de quem convive diariamente com o desaparecimento, bem como o esforço hercúleo de todos que trabalham para amenizar essa dor, e espero conseguir continuar em contato com o tema nos anos por vir. Também espero que Thiago seja encontrado e, com ele, o conforto de uma família atormentada pela falta de uma resposta.

Na linha de chegada do meu TCC, me sinto muito mais capaz de produzir um novo documentário no futuro, o que denota um total contraste em relação ao Victor de alguns meses atrás que jamais se imaginaria dirigindo e produzindo algo do tipo, por se sentir limitado pelos escassos conhecimentos técnicos. Não só isso, mas fui capaz de produzir uma obra da qual me orgulho com apenas quatro braços – os meus e os de meu colega.

Sou grato ao Prof. Dr. Luiz Fernando Santoro e a todos os docentes do curso de Jornalismo da ECA-USP pelos ensinamentos proporcionados, sem os quais eu também não teria sido capaz de produzir esse documentário. Em uma ou outra medida, todos os professores com quem tive a oportunidade de aprender ao longo

destes muitos anos tiveram sua dose de influência sobre o resultado final deste trabalho.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Diretoria de Gestão e Integração de Informações. **Painel Sinesp-VDE sobre Pessoas Desaparecidas**. Brasília, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/desaparecidos/politica-nacional>